

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA  
PARTE II - OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA  
12 e 18 de maio de 2023

# UN GIORNO NELLA VITA / 1946

(Um Dia na Vida)

um filme de Alessandro Blasetti

**Realização:** Alessandro Blasetti / **Argumento:** Alessandro Blasetti, Cesare Zavattini, Mario Chiari, Anton Giulio Majano, Diego Fabbri / **Fotografia:** Mario Craveri / **Direcção Artística:** Salvo d' Angelo, Franco Lolli, Aldo Tomassini / **Música:** Enzo Masetti / **Montagem:** Gisa Radicchi Levi / **Intérpretes:** Amedeo Nazzari (capitão De Palma), Massimo Girotti (Luigi Monotti), Mariella Lotti (irmã Bianca), Elisa Cegani (irmã Maria), Dina Sassoli (irmã Teresa), Ada Colangeli (irmã Gaetana), Luciano Mondolfo (Damiano Santoni), Ave Ninchi (irmã Celeste), Ada Dondini (madre superiora), Gino Mori (Rino), Arnoldo Foà (Brusan), Flavia Grande (irmã Luisa), Amalia Pellegrini (irmã Scolastica), Dante Maggio (Carlo, dito "Napoli"), Antonio Pierfederici (Giovanni).

**Produção:** Orbis Film / **Director de Produção:** Paolo Moffa / **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original com legendas eletrónicas em português, 117 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, em Maio de 1946/ Estreia em Portugal: Capitólio, em 27 de Maio de 1947.

---

Luigi Comencini escrevia no "Avanti!" em 1946 a propósito deste filme que ele "sacrificava as freiras como personagens humanas" e os *partigiani* por serem apenas um "meio para (o espectador) romper os muros do convento". Eugenio Palmieri na revista "Film" da mesma época dizia que o filme não era uma crónica mas um espectáculo de vedetas, não era um "drama anónimo" mas um "filme de estrelas". Não de pessoas mas de actores. "A Cegani permanece a Cegani; Nazzari, Nazzari". E a realização não se aproxima do "documento". Estas eram algumas das vozes dissonantes no coro uniforme e reverente de então ao filme de Alessandro Blasetti, **Un Giorno Nella Vita**, em que se incluía o próprio Guido Aristarco ("história humana, intensamente dramática, despojada de qualquer retórica"). Talvez seja o texto de Luigi Comencini (mais tarde realizador bem conhecido) que sem o querer acerta na mouche. Os outros, tanto os lisonjeiros como o crítico de Palmieri têm como pedra de toque para o julgarem o modelo que estava na moda: o neo-realismo. Palmieri censura ao filme o uso de vedetas porque isso lhe retira força realista. O que os restantes aceitam sem referirem essa questão, talvez lembrados que o filme que lançara o "movimento", **Roma Città Aperta**, de Rossellini, tinha, pelo menos, duas vedetas: Anna Magnani e Aldo Fabrizzi. A este realismo "à outrance" que exigia Palmieri nada tinha a dever um Alessandro Blasetti, pois fora ele que em 1929 fizera, como seu primeiro filme, **Sole** (que já aqui vimos) e que por esses critérios se pode considerar um antepassado do movimento. A experiência ficou por aí mas será bom lembrá-la. Como se deverá recordar um **Quattro Passi Fra le Nuvole/Dois Dias Fora de Vida**, realizado no mesmo ano de **Ossessione** e que, como este, rompe com o critério dominante das comédias dos "telefones brancos" e das epopeias "históricas"

de que ele era também especialista. É, aliás, neste campo que Blasetti conquistou fama (e proveito) ganhando a simpatia de Mussolini e do regime com a sua evocação da luta de Garibaldi no filme **1860** (1934), chegando mesmo a dirigir filmes de "propaganda" como foram **Vecchia Guardia** e **Aldebaran**, respectivamente em 1934 e 1935. Mas logo a seguir Blasetti "afasta-se" preferindo a reconstrução "histórica" que o irá tornar bem conhecido fora do seu país com filmes como **Ettore Fieramosca/O Cavaleiro de Ferro** (1938), **Un' Aventura di Salvatore Rosa** (1940), **La Corona di Ferro/A Coroa de Ferro** (1941), o filme que é, talvez, a sua obra prima ao lado do seguinte, **La Cena Delle Beffe**, do mesmo ano.

Se destaquei, entre outras, as opiniões de Comencini e Palmieri é porque elas se completam. **Un Giorno Nella Vita** apenas forçadamente se pode incluir dentro do que se chamou "neo-realismo". Não só pelos meios (o uso de vedetas), como os que refere Palmieri, como pela forma, como mostra Comencini. Particularmente naquela frase que me parece sintetizar o objectivo do filme: mais do que fazer um filme sobre a luta dos *partigiani* tratava-se de "levar" os espectadores para o "interior" do convento e, neste caso, a luta dos primeiros era o melhor meio, tanto dramático como histórico, jogando, ainda por cima com memórias recentes (o filme, aliás é uma variação mais desenvolvida e dramática, de **Un Garibaldino al Convento**, realizado por Vittorio de Sica em 1942). Trata-se, pois, de um mero pretexto dramático para nos levar ao interior do convento e a uma narrativa que é essencialmente melodramática. No fim de contas, Blasetti está-se bem "nas tintas" para o "neo-realismo". Toda a sua encenação obedece às regras do melodrama e dos filme histórico-lendários que fizera. O início, por exemplo, é exemplar: os planos das árvores no interior do convento e a lenta queda do que parecem folhas. Dir-se-ia uma poética imagem outonal. Plano a plano vamos nos apercebendo do "excesso" de folhas e que na verdade se trata de panfletos lançados pela aviação dos aliados. A série de planos e a sua matéria parecem, de facto, explicar a afirmação de Comencini: a "entrada" no convento pelo espectador faz-se acompanhando estes panfletos. Só mais tarde, quando estamos familiarizados com as personagens, das freiras e da noviça (que perto do fim será tentada a sair da clausura), é que de súbito irrompem os *partigiani*. A partir daqui **Un Giorno Nella Vita** reforça mais o carácter melodramático, em particular com a personagem de Massimo Girotti, o *partigiani* ferido que vai despertar dolorosas recordações, como mais tarde acontecerá a **Anna** (Silvana Mangano) no filme de Alberto Lattuada, numa progressão dramática que culmina com o soterramento de freiras e *partigiani* nos subterrâneos do convento. Também em toda esta longa sequência Blasetti recusa o estilo "neo-realista" no tratamento fílmico. Mas o momento mais sugestivo, e possivelmente um dos melhores de toda a obra de Blasetti é o final. Trata-se de um espantoso plano sequência com a câmara fixa como só Welles e William Wyler usavam então: a câmara enquadra o oficial alemão enquanto se ouvem os tiros sobre as freiras, ele afasta-se em direcção ao portão ao fundo do plano cruzando-se com os soldados que vão saindo, até desaparecer; o plano fica vazio ouvindo-se novo tiroteio, alemães a entrarem perseguidos pelos *partigiani* regressados, enquanto Nazzari avança até primeiro plano vendo-se o seu rosto horrorizado. O plano completa-se com uma panorâmica para a esquerda mostrando-nos os cadáveres das freiras. Por este momento vale a pena ver ainda hoje **Un Giorno Nella Vita**, de Alessandro Blasetti.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico